

Francisco Gomes de Amorim (1827-1891)

*Carme Fernández Pérez-Sanjulián**

Em muitos sentidos, a biografia deste autor parece seguir, quer o esquema de um relato de aventuras, quer o itinerário de um ideal herói romântico: o deslocamento formativo, o amor pela natureza e o selvagem, a luta pela liberdade (política ou pessoal) ou a procura do conhecimento como via de aperfeiçoamento são elementos que, mesmo, nos podem levar a reflectir sobre até que ponto tudo o que relata foi certo ou se, por acaso, não existirá no seu relato uma parte de reinvenção posterior, uma autoconstrução biográfica coerente com certos tópicos vigentes no Romantismo. Em qualquer caso, os depoimentos do autor são uma fonte imprescindível para compreendermos a génese de muitos dos temas e linhas ideológicas (ideologemas) que vão aparecer na sua obra.

Francisco Gomes de Amorim nasceu em 1827 em A-ver-o-mar, na província do Minho, numa família modesta. Em 1837 decide emigrar ao Brasil junto com o seu irmão mais velho. Assim, chega a Sta M^a do Belém do Pará onde vai trabalhar um tempo e, segundo própria confissão, aprende a ler aos doze anos.

Penetra na Amazónia, explica, apenas munido de uma excelente memória, capacidade que lhe vai permitir reter toda uma série de nomes, realidades, costumes, etc. que incorporará a obras escritas muitos anos mais tarde. Nesta época é um “aprendiz de selvagem” que trabalha como seringueiro ou capataz e que aprende a língua dos indígenas. É ali, também, onde tem lugar o acontecimento que vai condicionar toda a sua vida posterior. Em Alenquer, na casa de uma família indígena, encontra dentro de um cesto o *Camões de Almeida Garrett*, editado no Rio de Janeiro. A sua leitura transforma-o e, entusiasmado, decide escrever ao autor. A resposta chega um ano depois; então resolve voltar, com a firme vontade de ir para Lisboa estudar sob a direcção daquele escritor. Assim, desde o momento do seu encontro em 1846 até a morte de Garrett em 1854, uma estreitíssima relação se forja entre eles, sentindo-o sempre Amorim como o seu mestre.

É, pois, neste momento quando começa sua educação (com resultados espectaculares se repararmos na erudição das suas colaborações para as múltiplas sociedades e academias - foi membro, entre outros, do Instituto Histórico,

* Vinculada à Universidade da Corunha, Espanha.

Geográfico e Etnográfico do Brasil - às quais pertenceu, nas notas que acompanham os seus textos ou, mesmo, nos comentários dos coetâneos). A pouco e pouco, vai ir desenvolvendo uma activíssima vida pública e literária que, a partir de 1851, manterá em paralelo com a sua carreira como funcionário no Ministério de Marinha, até, progressivamente, ir atingindo um considerável prestígio no panorama cultural português do seu tempo, tal como demonstram as distinções e reconhecimentos que recebeu ao longo da sua vida.

Morreu na sua casa de Sintra em 1891.

Obra literária de tema brasileiro

Sobre a obra de Francisco Gomes de Amorim, poeta, dramaturgo, romancista e biógrafo de Garrett, pesam, para além do desconhecimento, enormes preconceitos entre a crítica e a historiografia; uns preconceitos que levaram a que um autor muito estimado no seu tempo, seja lembrado hoje, para além das Memórias Biográficas de Garrett, apenas por uma das suas obras teatrais: o “Melodrama dos Melodramas” Fígados de Tigre, e que a sua obra de tema brasileiro, de grande sucesso no tempo, ficara no esquecimento.

Se bem o Brasil é um elemento presente em praticamente toda a enorme produção do autor, há obras em que possui um especial protagonismo. Se começarmos pela narrativa, fora da presença do tema em alguns contos de Fructos de vários sabores (1858), Amorim publica em 1875 *Os Selvagens*, romance ambientado no Brasil, e *O Remorso Vivo* que é a continuação e conclusão daquele.

Prolífico e reconhecido autor teatral, várias das suas obras são de tema claramente brasileiro: *Ódio de Raça*, estreada em 1854, editada pela primeira vez em 1869 e *O Cedro Vermelho*, estreada em 1856 (editada em 1874), obras que transpõem para o palco o seu conhecimento da realidade do Brasil, além de serem um claro manifesto antiescravagista. Nestas peças, assim como em *Aleijões Sociais* (que primeiro se chamou *Escravatura Branca*), escrita em 1860 e editada em 1870, e *A Proibição*, editada em 1869, evidencia-se o pensamento liberal do autor, além da característica vontade interveniente com a que estão compostos estes textos. Ao mesmo tempo, a presença de elementos brasileiros (personagens, música, vestuário...) é fundamental numa obra como *Fígados de Tigre*, onde o autor, num lúcido exercício autoparódico, realiza um interessantíssimo jogo de intertextualidade com as suas obras anteriores.

Colaborou em diversos jornais políticos e literários portugueses e brasileiros para os quais escreveu muitos artigos de crítica (em concreto, foi correspondente durante alguns anos do *Diário da Bahia*). Esse labor constante,

unido a uma considerável inquietude intelectual, levou-o a publicar trabalhos muito diferentes, que vão desde aqueles de intenção didáctica, como o curioso Dicionário de João Fernandes: Lições de Língua Portuguesa pelos Processos Novos ao Alcance de Todas as Classes de Portugal e Brasil (1878), até a monumental obra pela qual ainda hoje é mencionado na maior parte das Histórias da Literatura, as Memórias Biográficas de Almeida Garrett (1881-1884), testemunho precioso não só da vida e obra daquele mas da própria época.

Como poeta publicou Cantos Matutinos (1858), Efêmeros (1866), A Flor de Mármore ou As Maravilhas da Pena em Sintra (1878), além de muitos outros poemas em jornais, revistas volumes colectivos, prémios e homenagens, etc.

A respeito da sua poesia são muitos os autores que sustêm que o sentimento da natureza exótica que se complementa com a especial simpatia que lhe merece a pintura do índio representam o mais vibrante e pessoal da inspiração lírica de Gomes de Amorim. Esta visão tem sido sublinhada nas leituras mais recentes da sua obra, tanto para destacar a sua singularidade dentro do conjunto do romantismo português, como para marcar a sua relação com a definição de certas características identitárias do processo, na altura em plena emergência, de surgimento e/ou consolidação da Literatura Brasileira.

Em qualquer aproximação às obras situadas no Brasil de Amorim, é óbvio o protagonismo e a positiva valorização que recebem tanto a natureza como, muito especialmente, os seus habitantes, aspecto que fica ainda corroborado nos depoimentos explícitos que o autor apresenta nas Notas e Esclarecimentos que acompanham estes textos. Esta visão, com toda a ambivalência que os estudos pós-coloniais assinalam para este tipo de textos (pois não deixa de ser um olhar “imperial” europeu, neste caso, português), não é, porém, demasiado diferente do transmitido pelos autores brasileiros da mesma etapa pois, ao menos no que diz respeito ao repertório temático desenvolvido, observamos um discurso muito similar ao explicitado pela literatura brasileira coeva.

Elementos como o indianismo em tanto elemento nacionalitário, a utilização de histórias sentimentais que, numa interpretação alegórica, podiam ser decodificadas em chave de conciliação nacional (com a utópica proposta de união dos diferentes estratos sociais e raciais que constituíam a nação) e o já mencionado da reivindicação da natureza e paisagem, são, todos eles, marcas caracterizadoras dos processos de autonomização dos discursos literários, que, sempre com traços semelhantes, podem ser localizados nos contextos de emergência nacional, como o foi o do Brasil durante o século XIX. A presença destes mesmos elementos na obra de Gomes de Amorim fazem com que a sua posição em relação ao sistema literário brasileiro e à sua construção seja um problema complexo.

Bibliografia ativa

- AMORIM, Francisco Gomes de. Cantos matutinos. Lisboa, Tipografia Progresso, 1858.
- AMORIM, Francisco Gomes de. Fructos de vario sabor. Lisboa, Imprensa Nacional, 1858.
- AMORIM, Francisco Gomes de. Efémeros. Lisboa, Tip. da Sociedade Franco-Portuguesa, 1866.
- AMORIM, Francisco Gomes de. Ódio de Raça. Lisboa, Tip. Universal de Tomás Quintino Antunes, 1869.
- AMORIM, Francisco Gomes de. Ghigi. A Proibição. Lisboa, Tip. Universal de Tomás Quintino Antunes, 1869.
- AMORIM, Francisco Gomes de. Fígados de Tigre. Lisboa, Tipografia Universal, 1869.
- AMORIM, Francisco Gomes de. Aleijões Sociais. O Casamento e a Mortalha no Céu se Talha. Lisboa, Tip. Universal de Tomás Quintino Antunes, 1870.
- AMORIM, Francisco Gomes de. O Cedro Vermelho. Lisboa, Imprensa Nacional, 1874.
- AMORIM, Francisco Gomes de. Os Selvagens. Lisboa, Livraria Ed. Matos Moreira & C^a, 1875.
- AMORIM, Francisco Gomes de. O Remorso Vivo. Lisboa, Livraria Ed. Matos Moreira & C^a, 1876.
- AMORIM, Francisco Gomes de. Garrett - Memórias Biográficas, 3 vols. Lisboa, Imprensa Nacional, 1881-1884.

Bibliografia passiva

- BARATA, Jorge Oliveira. “Amorim, (Francisco) Gomes de”, em BUESCU, Helena Carvalho (coord.). Dicionário do Romantismo Português. Lisboa, Caminho, 1997, pp. 14-15.
- CARVALHO, Costa. Aprendiz de Selvagem. O Brasil na Vida e na Obra de Francisco Gomes de Amorim. Porto, Campo das Letras, 2000.
- CIDADE, Hernani. “Gomes de Amorim. A sua vida e a sua obra”, A Águia, 30, 1927, pp. 181-197.
- FERNÁNDEZ PÉREZ-SANJULIÁN, Carme. “Estudo introdutório”, em AMORIM, Francisco Gomes de. Fígados de Tigre. A Coruña, Biblioteca-Arquivo Teatral “Francisco Pillado Mayor”, 2003, pp. 7-86.
- LIMA, Baptista de. Gomes de Amorim. Vida e Obra do Ilustre Biógrafo de Garrett. Póvoa de Varzim, Livraria Camões, 1928.
- PEIXOTO, Jorge. Novos Elementos Bibliográficos da Obra de Francisco Gomes de Amorim. As Suas Descrições da Região do Amazonas, Separata de Póvoa de Varzim, v.XI e XII, 1972-73, pp. 37-93.

- RIBEIRO, M^a Aparecida. “Gente de todas as cores: Imagens do Brasil na obra de Gomes de Amorim”, *Máthesis* 7, 1998, pp. 117-164.
- REBELLO, Luís Francisco. “Uma planta exótica de há cem anos”, em AMORIM, Francisco Gomes de. *Fígados de Tigre*. Lisboa, IN-CM, 1984, pp. 11-21
- RIBEIRO, M^a Aparecida. / OLIVEIRA, Fernando Matos. “De escravo branco a escritor europeu”, em AMORIM, Francisco Gomes de. *Ódio de Raça. O Cedro Vermelho*. Braga, Angelus Novus, 2000, pp. IX-LXX.